PREFÁCIO

Entre os dias 11 e 13 de abril de 2013, a Faculdade de Ciências Sociais do Centro Regional de Braga da Universidade Católica Portuguesa acolheu um congresso de âmbito internacional, intitulado *Dos Riscos à Criminalidade*, que mereceu o interesse e a adesão da comunidade académica e contou com a participação de investigadores de diversas áreas, ligados a várias instituições nacionais e internacionais. A versatilidade do tema propiciou a realização de vários simpósios, cuja organização foi orientada com base na matéria e/ou área científica dominante.

Os encontros científicos não devem circunscrever-se às paredes das universidades e os assuntos tratados e as comunicações apresentadas também não devem destinar-se apenas a um grupo restrito de especialistas e académicos. Neste pressuposto, há um elemento que julgamos fundamental para que se concretizem, na sua plenitude, os objetivos que presidiram à realização do referido congresso: a divulgação do conhecimento. É consensual que, sobretudo nos tempos que correm, a universidade não pode ser perspetivada como um espaço fechado sobre si próprio, mas antes aberto à comunidade e ao seu serviço. Daí também a escolha dos riscos e da criminalidade como matérias de investigação e de debate, dada a sua evidente atualidade e o interesse e a reflexão que têm suscitado em diversos setores da sociedade.

São múltiplos os riscos que afetam as sociedades contemporâneas. Se alguns advêm de um passado mais ou menos recente ou acompanharam sempre o percurso da humanidade (por exemplo, o risco de doença), outros estão claramente relacionados com as características das sociedades atuais, como o envelhecimento da população ou a segurança informática. Matérias tão distintas, mas que estão bem patentes no nosso quotidiano. A História mostra-nos que certos riscos sempre existiram, mas os povos, só recentemente, se pensarmos na longa duração, deles tomaram consciência e lhes conferiram relevância, como é o caso da violência doméstica ou da delinquência juvenil.

Muito facilmente, deixamos de falar de riscos e entramos no domínio da criminalidade. A barreira que separa o lícito do ilícito é muito ténue, subjetiva até: comportamentos tidos como delituosos no passado são hoje ações legais, e comportamentos antes tolerados são hoje criminalizados. Entretanto, surgiram novos crimes, como, por exemplo, os crimes ambientais ou informáticos, que atestam, precisamente, as mudanças da contemporaneidade. Porém, a relatividade associada ao conceito de crime não obedece apenas a critérios cronológicos, mas também geográficos. Como se sabe, existem ainda hoje determinadas zonas do globo consideradas “cinzentas”, que obstam qualquer tentativa de

erradicar algumas condutas criminais ou o desmantelamento de redes criminosas internacionais que tiram proveito dos réditos da globalização e de um mundo sem fronteiras.

Se a sociedade sentiu, desde sempre, a necessidade de combater a criminalidade, preocupou-se também em compreendê-la e explicá-la. Ao percorrermos a obra de Platão, Aristóteles ou Santo Agostinho, descobrimos que, já em tempos bem distantes, diferentes explicações foram aventadas. Por exemplo, este último pensador considerava que na génese da maioria dos delitos estavam duas razões: a defesa e a procura da propriedade. Trata-se de móveis de inquestionável hodiernidade, se atentarmos no quadro criminal presente.

As comunicações apresentadas mostram que, no campo da penalidade, o debate se coloca num plano distinto do do passado. As cadeias são perspetivadas a partir de um outro olhar, constituindo, aliás, excelentes laboratórios de investigação para quem pretender estudar quem nelas trabalha ou mora de forma mais ou menos provisória e os fenómenos que nelas ocorrem. Felizmente, em Portugal, sobretudo a partir dos anos 80 do século XX, as prisões têm sido alvo de estudos levados a cabo por diferentes áreas do saber, que, além de nos darem a conhecer o passado destes estabelecimentos, têm suscitado a reflexão sobre múltiplos aspetos do seu presente e propiciado o debate que apela à perspetivação do seu futuro.

Claro está que a compreensão destas temáticas exige, para uma leitura mais angular, a participação de diferentes domínios científicos e de diferentes olhares. O Direito, a Sociologia, a Informática, as Ciências da Comunicação, a Psicologia, a História, a Medicina, as Ciências da Educação tiveram palco neste encontro e deram um inestimável contributo para clarificar alguns sentidos, nomeadamente nas áreas do envelhecimento, da saúde, do crime organizado, da investigação criminal, da delinquência juvenil, da toxicodependência e a sua conexão com ações delituosas, da parentalidade e do papel dos *media*.

Para que se possa concretizar o nosso propósito de aproximar a universidade da comunidade e divulgar o que nela se faz, consideramos fundamental a publicação dos resultados apresentados pelos vários participantes no congresso. Todavia, dada a impossibilidade de incluir nesta publicação todas as intervenções, apesar da sua elevada qualidade, solicitou-se aos coordenadores das várias sessões que selecionassem uma comunicação que representasse o que tinham objetivado para o painel que dirigiam. Assim, com a publicação dos trabalhos aqui reunidos pretende-se, de algum modo, deixar uma mostra dos temas abordados no congresso *Dos Riscos à Criminalidade* promovido pela Faculdade de Ciências Sociais (UCP). As restantes participações, que resultaram em contributos escritos já compilados, serão publicadas muito brevemente em formato digital.

A finalizar, julgamos ser devida uma palavra de louvor e apreço pela iniciativa da Faculdade de Ciências Sociais, que reuniu investigadores de universidades europeias e de além-Atlântico e proporcionou um encontro multidisciplinar de inegável interesse para a academia e para a comunidade.

Braga, 22 de agosto de 2014
Alexandra Esteves